

e humanidade de Deus, a questão da verdade no evangelho de S. João, filosofia crítica da experiência mística no cristianismo, o cristianismo em diálogo com os seus místicos, da fascinação da imagem à escuta da palavra, Qôhelet ou a esperança mendiga, filosofia da oração, existência e falibilidade, Satã (aspectos filosóficos), questão sobre se o cristianismo será uma ideologia, cristianismo e esperança hoje.

Um anexo final versa o tema «História e ideologia».

No conjunto dos estudos aqui reunidos o autor faz questão de salientar a importância do dinamismo próprio do acto filosófico em sua capacidade de renovar o significado da expressão religiosa na sua irreduzível profundidade.

JORGE COUTINHO

MEIER, Heinrich, *La leçon de Carl Schmitt. Quatre chapitres sur la différence entre la théologie politique et la philosophie politique*, Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2014, 300 p., 240 x 155, ISBN 978-2-204-10166-0.

Heinrich Meier, professor na Universidade de Munique, especialista em filosofia política, particularmente no pensamento de Carl Schmitt (1988-1985) e Leo Strauss (1899-1973), propõe-se, neste estudo, colocar um ponto final no seu texto *Carl Schmitt, Leo Strauss und «Der Begriff des Politischen»*. *Zu einen Dialog unter Abwesenden* (Carl Schmitt, Leo Strauss e o «A noção de política»). Para um diálogo entre ausentes). Nas duas obras, considera ele, está contido o pensamento essencial e duradouro da teologia política do primeiro destes dois filósofos.

Trata-se de um pensador a ter em conta, no âmbito do pensamento moderno sobre

a política, que todavia parece bastante esquecido. Heinrich Meier tem procurado repor em cena este pensamento, tendo o presente livro conhecido várias edições na sua original versão alemã. Colocando no coração da obra do pensador estudado a sua fé na Revelação, Meier oferece uma interpretação radicalmente nova da sua teologia política, uma «teologia» amplamente discutida e objecto de controvérsia.

A obra consta de quatro grandes capítulos. O primeiro – «La morale ou la figure de notre propre question» – incide sobre a relação de fundo entre política e moral (por suposto, no pensamento de Schmitt). No segundo capítulo – «La politique ou qu'est-ce que la vérité?» – desenvolve a ideia schmittiana do carácter «agonal» da política, sempre funcionando no quadro do conflito entre inimigos. O terceiro – «La Révélation ou qui n'est pas avec moi est contre moi» – detém-se na ideia-base de que, sendo a Revelação objecto de fé, é-lhe próprio considerar toda a forma de descrença como seu inimigo. Finalmente, o último capítulo – «L'histoire ou l'Épithémée chrétien» – apresenta a história como sendo, para a teologia política, o lugar e o pôr à prova do julgamento; é nela que é preciso distinguir entre Deus e Satanás, o amigo e o inimigo, Cristo e o Anticristo.

JORGE COUTINHO

SOLARI, Grégory, *Le temps découvert. Développement et durée chez Newman et Bergson*, Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2014, 208 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-10084-7.

John Henry Newman e Henri Bergson versaram, em seus escritos, o tema do tempo e o seu mistério. O que há de comum

entre os dois autores é que o tempo não pode ser visto como mero fluir, sem um sujeito que flui e se desdobra e renova com o fluir do tempo. Newman, de raízes cristãs, e Bergson de raízes judaicas, um e outro têm presente que o tempo é uma criação da eternidade, tal como o mundo é uma criação de Deus criador. O filósofo francês definiu o tempo como duração (*durée*), com base na intuição da consciência, privilegiando a função da memória e da consciência antecipadora do futuro; foi autor de *L'évolution créatrice* e recusou o cientismo. O teólogo britânico insistiu na ideia de desenvolvimento (*development*), fundado no estudo da história da doutrina cristã; escreveu *Development of Christian Doctrine* e recusou o fundamentalismo. Bergson insiste em que o tempo humano não é redutível ao tempo da Mecânica. Newman lamenta a ideia, geral entre os Reformadores, de uma doutrina cristã fixada e fixa, de uma vez por todas, na Bíblia, ignorando a tradição e, com ela, o desenvolvimento daquela doutrina, sempre a mesma na sua substância, mas sempre evoluindo na sua formulação.

Grégory Solari procura, neste ensaio, aproximar os dois pensadores, relevando o que há de comum num e no outro. Realça neles a ideia comum de que a verdade do homem transcende todas as ilusões e falsas verdades. É que o verdadeiro desenvolvimento une duas valências fundamentais: a mudança contínua, sinal de vida, e a permanência essencial, que é a marca da verdade.

O livro, de 208 páginas, inclui o ensaio de Solari (até à p. 137) e um anexo da autoria de Jacques Chevalier (pp. 139-175) sobre «Newman e a noção de desenvolvimento». Neste anexo são explicadas ao leitor ma série de ideias newmanianas: a ideia de desenvolvimento, a ideia de doutrina, desenvolvimento e historicismo da verdade,

lógica do desenvolvimento, fenomenologia do desenvolvimento, rítmica do desenvolvimento, a *durée* como verificação do desenvolvimento e o uso do tempo.

JORGE COUTINHO

RUIZ LOZANO, Pablo, **Antropología y religión en René Girard**, «Biblioteca Teológica Granadina» 36, Facultad de Teología, Granada, 2005, 416 p., 240 x 170, ISBN 84-921623-7-5.

Nesta sua tese doutoral, Pablo Ruiz Lozano parte de uma observação sua da obra de René Girard, quando, para além do objectivo fundamental deste pensador, descobre que nela – além da sua intenção apologética do cristianismo e sua diferença de outras religiões como religião não violenta – há um relevante fundo de pressupostos, implicações e pensamento antropológicos. Há nela, com efeito, uma reflexão acerca da origem do homem, da cultura e da linguagem, uma análise sobre a situação do mundo actual e uma aproximação a problemas da sociedade e do indivíduo.

A questão que está na origem do seu estudo, formula-a Ruiz Lozano nos seguintes termos: «Consegue René Girard demonstrar a partir da antropologia a humana necessidade de uma relação religiosa? E que tipo de religião surge desta fundamentação antropológica?» Para responder, este investigador procura, em primeiro lugar, contextualizar a resposta no conjunto da obra do autor estudado, procurando em seguida a resposta àquelas questões específicas.

Estruturou então o seu trabalho em três partes. Resumidamente, podem ser identificadas, respectivamente, como: análise antropológica, descrição da religião